



## INCONSCIENTE ARTIFICIAL E O PROBLEMA DA AUTONOMIA DO SER HUMANO: ESTEREÓTIPO E IMPESSOALIDADE

Wilian Mauri Friedrich Neu  
Caroline Alana Friedrich  
Annalisa Cangelosi

*Linha temática – Inteligência artificial e inteligência humana: Diálogos possíveis.*

**Resumo:** O estudo apresenta os problemas psicológicos derivados do inconsciente artificial que, enquanto estrutura mecânica, apoia-se sobre dois fenômenos do psiquismo e da existência humana: *das Man* (Impessoal) e Estereótipo. Naturalmente, fica claro que a inteligência artificial e a inteligência humana influenciam-se mutuamente. O problema central do inconsciente artificial é, em uma instância mais profunda, a autonomia do sujeito, que necessita compreender como lidar com o fato anônimo da autointerpretação de si sempre apreendida dos-outros (impessoal) e, em um nível mais extremo, sofre com as repressões dos estereótipos articulados pelo superego.

**Palavras-chave:** Estereótipo; Impessoalidade (*Das Man*); Inconsciente artificial;

### 1. INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO

O avanço tecnológico traz implicações de múltiplas ordens no contexto existencial humano. Da economia à política, da empresa à saúde, parece difícil pensar em uma dimensão do ser humano não afetada pelas inovações tecnológicas e pelas inteligências artificiais. Seguramente, não é necessário maiores digressões para se entender que também a psique ou, noutros termos, o psiquismo, passou por transformações profundas a partir da intersubjetividade gerada entre a comunicação dialógica humana *versus* máquina.

Nestes diálogos possíveis entre inteligência humana e inteligência artificial, apresentamos os problemas centrais de uma nova estrutura que molda o psiquismo: o inconsciente artificial. A visão sobre a novidade, nestes parâmetros, do problema do inconsciente artificial, objetivo central dessa pesquisa, articula ao menos três argumentos: 1. A existência no modo-de-ser do *Impessoal* (*Das Man*<sup>1</sup>); 2. Práxis cotidiana a partir dos estereótipos; e 3. O caráter anônimo, programático e invisível do inconsciente artificial. Em um pequeno pôster, cujo objetivo é tão somente apresentar como o psiquismo sofre abalos psíquicos que lhe dificultam a autonomia e o protagonismo diante da influência de um inconsciente artificial, teremos que correr os riscos de sermos, em alguma medida, genéricos. Por outro lado, a “objetividade” dos argumentos não nos retira nem a validade, nem a profundidade. Vamos ao cerne da discussão. O fenômeno do *Das Man* (Impessoal ou a-gente) influencia profundamente a tradição contemporânea psicológica e psicanalítica. O seu caráter modulador é, não só específico, como bastante complexo. O que se coloca em jogo aqui é o originário fato elucidado por Martin Heidegger de que o ser do ente (*Dasein*<sup>2</sup>), em *Ser e tempo*, formaliza a sua existência a partir de um modo-de-ser fundamental estruturado em um impessoal que articula

<sup>1</sup> *Das Man* (Impessoal ou a-gente), conceito inaugurado em *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, em 1927, é um fenômeno eminentemente ontológico e, somente secundariamente, psicológico. É, nesta via, um fenômeno que se difere do superego de Sigmund Freud.

<sup>2</sup> O “*Da*” do “*Dasein*” aponta uma dimensão de exterioridade: significa a própria abertura (*Erschlossenheit*) do *Dasein* para a totalidade que o circunda. *Dasein* não se define como um sujeito (subjectum) fechado em si mesmo, é existência (Existenz) = “estar fora” (ex-) de “onde se está” (-sistere). Difere da pura res cogitans, isto é, do sujeito cartesiano e, portanto, sem “mundo” – em que o externo estaria vinculado somente em pensamento – o *Dasein* é abertura para o ser, por isso ser-aí tem também o sentido de ser-situado. *Dasein* não é subjetividade a priori que tem de se relacionar com o mundo de modo a posteriori, o *Dasein* é o ente que se determina por essa relação com o mundo, por essa abertura. O termo *Dasein* é puramente formal, não aponta quididade (conteúdo-de-coisa), mas indica um modo-de-ser: a modalidade do prévio entendimento-de-ser.

e formaliza (e também é articulado e formalizado por) uma trama semântica de remissões na qual sempre entende a si mesmo nessa relação e perspectiva com o mundo (poder-se-ia dizer: com o “seu” mundo). Heidegger, em *Ser e tempo*, afasta-se da tradição ocidental e não utiliza categorias fixas como “ser humano”, “subjetividade”, “coisa” ou “subsistência” (*Vorhandenheit*), para descrever o ser do ente humano. O objetivo é, aparentemente, simples: evitar recair em conceitos já “impregnados” de sentido como “sujeito”, “pessoa” e até mesmo “homem”. Em substituição, emprega a terminologia *Dasein*, que não indica uma coisa, qualidade ou característica, mas antes um modus, que se exprime por *Existenz*, precisamente alheio à *Existentia*<sup>3</sup>. Resumidamente, o modo de ser da existência e subsistência, apontados, acresce-se a um outro, denominado *Zuhandenheit* (utilizabilidade), *modus* particular dos utensílios da nossa *práxis* cotidiana. Utilizabilidade e subsistência “são categorias e se referem a entes cujo modo-de-ser não é conforme ao ser do *Dasein*”<sup>4</sup>. Diversamente, aquilo pelo qual constitui o *Dasein* em seu ser são, nominalmente, as suas “estruturas”, traduzidas como “existenciários”.

Em termos práticos, ser existenciário quer dizer que o fenômeno da Impessoalidade (a-gente) é um caractere constitutivo e essencial do *Dasein*. Constitui, precisamente, o “a”, isto é, o âmbito que circunscreve o fato de ser sempre e a cada vez já situado. Ser-aí, indica, formalmente, que o caráter da impessoalidade é condição geral pré-ontológica, uma vez que a existência não acontece “fora” de todas as formulações societárias, condicionantes, linguagens, tradições, ou seja, todo e qualquer componente que modula a formação de um self-intersubjetivo etc. Em sentido heideggeriano, ser próprio ou impróprio (*eigentlich* oder *uneigentlich*) são plenamente *Dasein*, com a diferença singular de que *uneigentlich* indica a perda-de-si-mesmo no modus de viver pelo sentido anônimo e generalizado do ser-dos-outros.

O segundo argumento, na perspectiva de Antonio Meneghetti, define os estereótipos como modelos de comportamento, tipologias de hábitos, padrões, que são impostos, condicionados pela sociedade, nos quais o sujeito homologa a si mesmo em correspondência. Tais esquemas mentais e sociais prescrevem o modo de ser do indivíduo, que, a partir disso, generaliza-se e perde a sua singularidade. São, portanto, definidores de uma *práxis* existencial de fixidez, absolutismo. Para Meneghetti, estereótipo é “qualquer conduta, comportamento, previsão no interior de uma instituição pública, de uma lei, de uma religião; qualquer ato público que liga, configura, determina qualquer tipo de relação ou de compostos<sup>5</sup>”.

Não obstante a aparente semelhança entre as duas concepções – impessoalidade e estereótipos –, a diferença aponta consequências relevantes. Primeiro, o estereótipo é, em alguma medida, o modo concreto de expressão do superego social nos termos freudianos<sup>6</sup>, especificadamente porque a estrutura do *Über-ich* se articula como mecanismo censurador das pulsões do *Id* (*Ich*) e, para ser eficiente, necessita empreender na internalização das normas socialmente aceitáveis como processo de socialização do *self*. O *ego*, neste caso, torna-se incapaz de agir a partir dos seus próprios impulsos. Os estereótipos são, precisamente, o que formaliza o substrato da socialização que retira a singularidade a partir do superego social. O *Das Man* é diferente e se articula de outro modo,

3 “Nisso está precisamente a tarefa ontológica de mostrar que, ao escolhermos para o ser desse ente a designação de existência, o termo não tem e não pode ter a significação ontológica do tradicional termo *existentia*, o qual, segundo a tradição, significa ontologicamente, tanto como subsistência, um modo-de-ser que não convém essencialmente ao ente que tem o caráter do *Dasein*.” Ver em: HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* [1927]. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012 (edição bilingue), p. 139.

4 HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. op. cit. p. 263.

5 MENEGHETTI, A. *Sistema e personalidade*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2019, p. 35.

6 “O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa energética contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. É claro que a repressão do complexo de Édipo não era tarefa fácil. Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edípiques, de maneira que o ego infantil fortificou-se para a execução da repressão erguendo este mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isto, tomou emprestado, por assim dizer, a força do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (conscience) ou talvez, de um sentimento inconsciente de culpa.” Ver em: FREUD, S. *O ego e o id* [1923]. Tradução Jayme Salomão. In: S. Freud. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 47.

na medida em que o a-gente é um modo essencial do *Dasein* e, por conta disso, carrega consigo a premissa de que ser-aí é algo pelo qual não se pode, de modo algum, abrir mão. Sempre existimos situacionados. A impropriedade ou inautenticidade, em Heidegger, não é algo pelo qual podemos excluir ou “superar”, mas particularmente o modo como nos construímos a partir da própria cotidianidade. No cotidiano estamos, intersubjetivamente, sendo com e no modo dos outros e nos distanciamos de nós mesmos (*Abständigkeit*). Ao *distanciamento*, acresce-se o modo-de-ser da *mediania* e do *nivelamento*, tendências naturais da impessoalidade<sup>7</sup>. O estereótipo é, nesse sentido, o formalizador prático do superego; o impessoal, por outro lado, é um existenciário, isto é, o fundamento pré-ontológico não tematizado pelo qual o indivíduo se forma, compreende o mundo e compreende a si mesmo. Nascemos aí, históricos, contextualizados, familiarizados. É disso que depois apreendemos a ser e a entender a si mesmos.

O caráter anônimo, programático e invisível do inconsciente artificial está correlacionado ao impessoal e ao estereótipo na medida em que as estruturas mecânicas e artificiais das novas tecnologias articulam estruturas que condicionam processos de socialização e adaptação humana, embutindo a programação de novos estereótipos, inclusive, manipulados algorítmicamente, ao superego social. Em sentido pré-ontológico e existencial, é nesse movimento histórico que apreendemos a ser a si mesmos, impessoalmente, no modus de interpretação generalizado da mecanicidade das novas tecnologias, pela nova linguagem, pelos estilos, pela cultura.

## 2. METODOLOGIA

O método de estudo será o dedutivo e o procedimento de pesquisa o bibliográfico, cujo recorte teórico se dará a partir da delimitação dos campos de pesquisa pelo objetivo geral.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inconsciente artificial está correlacionado ao impessoal e ao estereótipo e reprograma o paradigma contemporâneo da existência humana. Dois são os problemas. *Primeiro*, pelo fato de que o inconsciente artificial não é algo do tipo de uma estrutura psíquica de ordem humana, mas sim um formalizador mecânico que manipula as estruturas do psiquismo em correspondência à ordem da superestrutura das redes e inteligências digitais e artificiais que condicionam o comportamento humano, sem que seja, de algum modo, possível eliminá-lo. *Segundo*, mesmo que não exerça a pressão dos estereótipos que articulam o superego social, o caráter “invisível” do inconsciente artificial monopoliza a apreensão originária da autocompreensão do impessoal pelo indivíduo, de modo que o ser a si mesmo se torna, cada vez, mais complexo.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresenta de modo originário os problemas psicológicos derivados do inconsciente artificial que, enquanto estrutura mecânica, apoia-se sobre dois fenômenos do psiquismo e da existência humana: *das Man* (Impessoal) e Estereótipo. Naturalmente, fica claro que a inteligência artificial e a inteligência humana influenciam-se mutuamente. O problema central do inconsciente artificial é, em uma instância mais profunda, a autonomia do sujeito, que necessita aprender a lidar com o fato anônimo da autointerpretação de si já sempre apreendida dos-outros (*impessoal*) e, em um nível mais extremo, sofre com as repressões dos estereótipos articulados pelo *superego*.

<sup>7</sup> “Essa mediania [...] vigia toda exceção que possa sobrevir. Toda precedência é silenciosamente nivelada. Tudo o que foi conquistado na luta passa a ser manuseado. Todo segredo perde sua força. A preocupação [Die Sorge] da mediania desvenda uma nova tendência essencial do Dasein por nós denominada o nivelamento de todas as possibilidades-de-ser.” Ver em: HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. op. cit. p. 365.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. **O ego e o id** [1923]. Tradução Jayme Salomão. In: S. Freud. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** [1927]. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012 (edição bilíngue).

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.